

A cidade do futuro acena!

Pseudônimo do autor: Narbig

O velho Mestre Maçom, padrinho carinhoso e acolhedor, não deixava passar um mês sem marcar um encontro com seu afilhado. Sob o falso (e sabido) pretexto de jogarem conversa fora, acabavam fazendo uma tertúlia descontraída sobre a Ordem e, de quebra, ainda degustavam comes, bebes e outros prazeres que tais, numa versão caseira, bem mais modesta e menos pretensiosa, daqueles famosos banquetes da antiguidade de Grécia e Roma.

O local era o de sempre: o bom e velho refúgio do padrinho, a biblioteca particular, localizada nos fundos de sua agradável residência. O combustível etílico da vez foi um belo vinho do Porto. Os quitutes eram queijos de diversas linhagens, azeitonas chilenas temperadas, dentre outros acepipes, tudo elegantemente disposto sobre a mesa, posicionada estrategicamente entre a adega e a estante de livros. Para dar um ar xamânico às reflexões, programaram a degustação de um bom charuto da República Dominicana, de excelente custo-benefício.

Esses encontros eram, invariavelmente, momentos de sublime convivência fraternal, onde, como já dito alhures, também surgiam valorosas discussões, principalmente sobre os rumos da Maçonaria. E desta feita não foi diferente. Passados os prolegômenos do convescote, gastos com um papo leve sobre amenidades, o velho Mestre mudou drasticamente o rumo da prosa. Como seu afilhado também já era Mestre e, até aquela data, contava com aproximadamente cinco anos de vivência na Ordem, perguntou-lhe qual seria sua perspectiva para a Maçonaria Paulista, para o próximo quinquênio vindouro.

O afilhado fez uma pausa reflexiva, suspirou vagorosamente, irrigou suas papilas gustativas com um bom gole de vinho do Porto, deu uma ou duas baforadas no charuto e, então, começou a alinhar um desabafo sincero, o qual, contudo, estava longe de ser pessimista, até porque este nunca fora seu perfil profano (e muito menos Maçônico).

Disse que a Maçonaria enfrentou, recentemente, sérios reveses decorrentes da pandemia do Covid-19 e, em sua visão, isso abalou várias Lojas por todo o Estado (e certamente em todo o país), mormente as de menor número de Obreiros em seus quadros. Muito embora tivesse a convicção de que o enfrentamento e a superação deveriam ser encarados como um aprendizado (ou, quiçá, uma espécie de lição cármica), externou que o passamento de alguns Irmãos para o Oriente Eterno havia deixado ferida indelével em seu coração. Como outro legado indesejado, muitos valorosos Irmãos arrefeceram suas presenças nas Oficinas e tornaram-se infrequentes, mesmo após cessado o período crítico.

Mencionou, também, a cisão enfrentada pelo Grande Oriente Estadual, situação que o havia deixado entristecido, pela natural quebra da tão almejada fraternidade entre parte dos Irmãos. Confessou que não conhecia, a fundo, os motivos da indesejada ruptura, pois apenas tinha ouvido comentários, nos ágapes, sobre supostas disputas políticas de interesse individual, além de outros desatinos atrelados às vaidades pessoais de alguns poucos. Asseverou que, de qualquer sorte, isso tudo foi algo que marcou negativamente sua ainda pequena experiência de vida Maçônica por estas bandas paulistas.

O experiente padrinho ouviu tudo com muita atenção. Não esboçou mínima interrupção durante a sincera e contundente explanação retórica de seu afilhado, até porque, de certo

modo, era fruto de seu mais legítimo realismo vivencial. Não obstante, como estudioso e aplicador da melhor dialética (aquela libertária da razão e especulativa da verdade), pediu licença para apresentar ao afilhado alguns contrapontos, sob o prisma, agora, de como ele próprio enxergava o que viria no próximo quinquênio de existência da Maçonaria Bandeirante. Pediu que o jovem Irmão se levantasse e o acompanhasse até a estante de livros, que contava com um significativo acervo, devidamente organizado e catalogado de acordo com autores, títulos, assuntos e ramos do conhecimento. Foi sacando da prateleira obra a obra e, com isso, seguiu falando de seu pensamento sobre o tema que estava na berlinda.

Pinçou, em primeiro lugar, “A voz do silêncio”, de Helena P. Blavatsky, para falar sobre a “heresia da separatividade”. Leu o seguinte trecho: “*Se através da Sala da Sabedoria queres alcançar o Vale da Bem-aventurança, Discípulo, fecha teus sentidos à tremenda e grande heresia da separatividade, que te aparta dos demais*”. Explicou, então, que atribuía grande parte dos problemas da Ordem à perigosa armadilha da separatividade, que inebriou a mente de alguns Irmãos, levando-os a pregar a desunião e a cisão, como se a humanidade - e, naturalmente, a Maçonaria, na sua particularidade de correspondência com o cosmos - pudessem ter alguma vantagem ou progresso com isso. Somos um corpo único e o adoecimento de mínima parte dele, em qualquer canto, implica em evidente padecimento do todo. A boa notícia é que vários Irmãos e Lojas já perceberam o desvio indevido para a senda herege da separatividade e, ainda que tarde, reataram os laços fraternais de antes. Neste quadro, via o caminho vindouro da Maçonaria Paulista numa franca ascendência, com a reconquista paulatina da sensação de pertencimento entre os Irmãos, em sua mais lídima expressão da fraternidade universal. Reafirmou que, cada vez mais, presenciaremos a tonificação da paz, da harmonia e da concórdia, como sendo a costumeira e eficaz tríplice argamassa, que usamos de forma tão frequente em nossas obras.

Alcançou outro livro, desta vez, uma obra mais moderna, chamada “O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente”, do filósofo sul-coreano, Byung-Chul Han. Lembrou que, na Maçonaria, desde a iniciação, principalmente em razão de seus vários rituais, somos instados a uma nova alfabetização, desta vez de cunho simbólico e voltada à leitura da nossa existência, nas suas entrelinhas. E, então, leu: “*Rituais são ações simbólicas. Transmitem e representam todos os valores e ordenamentos que portam uma comunidade. Geram uma comunidade sem comunicação, enquanto hoje predomina uma comunicação sem comunidade. A percepção simbólica é constitutiva dos rituais*”. E, ato contínuo, arrematou dizendo que a Maçonaria que vivenciavam naqueles rincões, à olhos vistos, nunca se submeteu aos modismos e às sombras projetadas pela modernidade. Bem ao contrário, sempre se preocupou em manter acesa a chama de seus mistérios ritualísticos, com elevada significação simbólica, numa verdadeira usina de produção energética, que irradia, aos cântaros, toneladas e mais toneladas da tão festejada e salutar egrégora. Preparamos, com isso, um terreno fértil para o fortalecimento de nossas colunas, em cada Templo, nos diversos Orientes do Estado.

Com o afilhado em seu encalço, muito atento e compenetrado, o velho Mestre deu mais um ou dois passos e, esticando o braço, tomou outra obra, muito conhecida: “Luz no caminho”, de Mabel Collins. Com voz calma e pausada, citou um trecho do prefácio daquela edição, subscrito pela filósofa Lúcia Helena Galvão, que trazia uma interessante correlação entre os caminhos para a sabedoria indicados no livro (os dois grupos de vinte e uma regras, que seriam guias condutores até a verdadeira luz), com as etapas da obra alquímica. E assim recitou: “*Podemos fazer uma comparação, a fim de obter uma melhor compreensão entre as duas séries de degraus e as etapas da chamada Obra Alquímica: Obra em Negro ou Nigredo,*

Obra em Branco ou Albeto e Obra em Vermelho ou Rubedo". Aproveitou, então, para fazer o mesmo paralelo com a recente história da nossa Maçonaria e o caminho a ser trilhado por seus membros, até a luz. Disse, com efeito, que as dificuldades e tormentas são próprias da fase do Nigredo, ilustrada pela "descida aos porões da consciência" e concretizada pelas dores e adversidades da vida. Esta fase, porém, sempre foi a preparação necessária para uma sequencial purificação, a qual estamos experimentando nos dias de hoje (Albedo). A próxima e terceira etapa, por via de consequência, será a do Rubedo, para onde rumaremos nos anos vindouros, numa escalada espiritualizada, ascendente e libertadora da consciência. Desta forma, os conhecimentos alquímicos, que nos são muito caros, também afiançam a iminência de uma fase de muita luz, que fomentará a evolução virtuosa dos Irmãos e da Ordem.

E, para não ser muito prolixo, pediu apenas mais uma centelha de paciência ao jovem Mestre, pois queria também fazer uma referência a um de seus autores prediletos, o poeta Khalil Gibran, na parte de sua obra "A voz do mestre", onde está reproduzido um emblemático diálogo sobre a "cidade do passado e do futuro", com ninguém menos do que a vida: "*A vida, então, me fez um sinal e disse: "Acompanha-me. Demoramos demais aqui". Retruquei: "Vida, para onde estamos indo?". Ela disse: "Estamos indo para a cidade do futuro". Insisti: "Vida, tenha pena de mim. Estou cansado, meus pés estão feridos e não disponho mais de força". A vida, entretanto, retorquiu: "Vá adiante, meu amigo. Demorar-se é covardia. Manter-se para sempre contemplando a cidade do passado é loucura. Olhe, a cidade do futuro acena..."*". E o velho mestre repetiu: "Meu Irmão, veja só o que Khalil Gibran está nos lembrando, com sua bela verve poética: Demorar-se na cidade do passado é covardia. A cidade do futuro acena! E, quer saber, é para lá que eu vou, com força e vigor!"

Para o afilhado, presenciar a oratória do pradinho (um octogenário muito lúcido e fortalecido em seus princípios e propósitos), ainda com tanta energia de vida, era um bálsamo para os seus ouvidos e uma vitamina para a sua alma. O jovem, após assim reverenciar seu padrinho, afirmou que também nutria o desejo de um futuro promissor para a Maçonaria Paulista.

De imediato, o Velho Maçom pediu licença para retorquir o afilhado, pois não estava, ali, fazendo qualquer projeção, desejo ou especulação para os próximos anos da Ordem. Pegou sua velha edição da obra "O Caibalion" e leu sobre o princípio do Mentalismo: "*Não há um terceiro modo que permita ao homem criar? Sim há; ele cria mentalmente! E, ao fazê-lo, não usa nenhuma material exterior; nem reproduz a si próprio, e, ainda assim, seu Espírito impregna a Criação Mental*". Então, com um ar de serenidade sentenciou: "O universo é mental. Eu já mentalizei e assim projetei, com todas as energias do meu ser. Converso sobre essa linda realidade vindoura, todos os dias, com o Grande Arquiteto do Universo. Sigamos confiantes e, principalmente, trabalhando fraternalmente, meu amado Irmão!"

A essas alturas, as cinzas do charuto do jovem mestre estavam avantajadas e foram batidas, para viabilizar o resgate da brasa vermelha e pujante. Sem perder tempo, feliz por mais um dia de aprendizado e de excelso convívio fraternal, o afilhado ergueu seu copo para um último brinde com seu padrinho: "Estaremos juntos, meu amado Irmão! A bela cidade do futuro acena para a Maçonaria Bandeirante!"

E, como se tivessem ensaiado, emergiu uma espontânea e fina sintonia de suas almas, que os fizeram bradar, numa só voz: "Que assim seja!"